

Mensagem do Superior Geral para a Festa do Fundador – Fevereiro de 2013

A nossa vocação é: servir o mundo! Somos chamados a “manter alto o timbre!”

“...se na prática e em todas as outras circunstâncias da vida procurardes ter em mira a Deus, e apenas Deus; se cada acção, palavra e pensamento se inspirarem nos ditames da fé... diga cada qual a si mesmo com São Paulo: “Para mim viver é Cristo!” (José Allamano, Carta aos Missionários do Quênia, de 27 de Novembro de 1903)

Caríssimos Missionários,

Por ocasião da festa do Fundador no Ano da Fé, que o Papa Bento XVI proclamou ser desde 11 de Outubro de 2012 a 24 de Novembro de 2013, para recordar os 50 anos de abertura do Concílio Vaticano II, decidi escrever esta mensagem sobre a fé. A finalidade é reavivar o espírito da missão e do nosso empenho, recuperar o entusiasmo da primeira hora, ajudar-nos a crescer na fé para continuarmos a ser servos da Palavra do Senhor e edificadores do seu Reino. Este ano pretende e deve ser uma ocasião de conversão e de renovação da vida pessoal e comunitária de todos nós, missionários. Para vivermos uma autêntica vida de fé que nos afecte totalmente, devemos mandar para o concerto toda a nossa vida, não para fazer acomodações banais mas para fazer uma renovação total e profunda, para a refazermos como crentes e como testemunhas do Senhor neste mundo e para os nossos tempos. De facto, enquanto a fé se não apoderar do nosso coração, só faremos exercícios de palavras ou de práticas religiosas e permaneceremos bem longe daquele Deus que queremos servir e anunciar. Vamos então de visita a tudo o que faz parte do nosso carisma, da nossa memória e da nossa vocação pela mão do nosso amado Fundador por ocasião da sua evocação com a sua festa: “devemos ter tanta fé que sejamos dispostos a professá-la publicamente, até ao martírio” (CVV n.87).

Somos chamados a manter alto o timbre!

A vida consagrada é um dom que foi dado tanto à Igreja, a cada comunidade, como a todos os que foram chamados a viver mais intimamente com Cristo. São incisivas as palavras que o Bispo Dom Tonino Bello, muito querido na Itália pelo seu empenho e dedicação, dirigiu às pessoas consagradas: “Pois muito bem. Vós sois a pauta musical da Igreja: se a fita parar, todas as outras vozes são levadas a desafinar. Sois portanto chamados a cantar, mesmo que o vosso compromisso fique escondido. De facto, quando o concerto termina, todos aplaudem o cantor e não quem trabalhou na orquestra. Mas ainda que ninguém vos avalie, tende a alegria de saber que estais a aguentar a tonalidade do concerto” (Parabole, p. 107; e Messaggero di Pádova, 2006).

1. A VISÃO DE FÉ DO FUNDADOR

Para aprofundar a fé, vamos beber ao nosso Fundador para que o seu exemplo e a sua fé sirvam de inspiração para a nossa vida e de referência para a nossa missão.

Espírito de fé

Como homem de fé que foi, o Beato Allamano soube ver Deus em todos os acontecimentos, nas pessoas e na sua vida. Ao celebrar um seu aniversário dizia: «O bom Deus pensou em mim desde toda a eternidade quando ainda ninguém pensara em mim, nem sequer os meus pais...que não existiam ainda...Pensou em mim apenas por amor de mim e, de entre as muitas criaturas que poderia criar, determinou deixar de lado muitas outras que teriam correspondido melhor ao seu

amor...e criou-me» (Conf. III, 631-632). E da mesma forma interpretava todos os eventos e as actividades da sua vida à luz da fé, o que o levou a viver sempre cada vez mais na presença de Deus.

Quando ainda jovem fez uma descoberta maravilhosa: «Jesus está em mim! Nada te perturbe!» - crescendo depois nesta viva consciência de que Deus estava nele, e fazendo a seguinte exortação: «é necessário chegar a viver continuamente na presença de Deus...É preciso mesmo que vivamos, respiremos e nos percamos em Deus. O meu olhar está sempre em Deus. Gosto muito desta frase e deveis recordá-la. Mantenhamos sempre o olhar em Deus, tal como os dele estão continuamente virados para nós» (VS 554). Por esta razão «em todas as circunstâncias costumava dizer –“Dominus est!” (É o Senhor); e daqui, deste pensamento de fé tirava conforto» (L. Sales). Em todas as circunstâncias e nas preocupações que sentia com os missionários lá longe e nas primeiras experiências de África, sempre se manteve calmo e sereno porque não seguia critérios humanos mas sim a luz da fé e agia como ensinava aos outros. Tinha nos lábios continuamente as palavras: «deixemos que Deus aja...deixemos que Nossa Senhora actue». E era ele o primeiro a pôr em prática aquilo que ensinava: «basta uma olhada para o sacrário e tudo se conserta; uma olhada ao crucifixo põe tudo em ordem». Ele próprio confessava que por vezes não sabia que fazer com certas preocupações, não conseguindo dormir, até que...como dizia, «Vou fazer uma visita ao Santíssimo e logo caio de sono como São João no regaço do Senhor» (II, 833). É o mesmo que recomendava ao seu irmão Octávio e à cunhada Benedetta Turco, tal como aos missionários. E à Consolata dizia: «O Instituto é teu! Faz tu!». E também captava a resposta: «Fica tranquilo, eu estou aqui!». E assim escrevia na Carta aos Missionários do Quénia: «Agradeço à querida Consolata pelas consolações com que me acudia quando todas as noites, com o meu coração a tremer por vós e pelo Instituto, me parecia ouvir que vós e o Instituto estavam sob a sua especial protecção e que nada aconteceria de mal debaixo do manto de tão boa Mãe» (27 de Novembro de 1903)..

Por esta razão, em todas as circunstâncias mesmo as mais críticas e dolorosas, se manteve sempre sereno, não inspirado em critérios humanos mas na fé. E garantia: «A nossa missão avançará e prosperará porque é obra de Deus e da Consolata. Os homens irão passando... certamente algumas folhas irão cair...mas a árvore prosperará e será gigantesca: eu tenho provas disso nas minhas mãos». E fazia a seguinte exortação: «É preciso viver de fé. Assim a responsabilidade mesmo das coisas mais importantes se evapora, porque nós não somos nada, mas com Deus somos onnipotentes».

Adesão à vontade de Deus

Um outro aspecto constante de fé do Beato Allamano, muitas vezes recomendado nas suas exortações, é a adesão à vontade de Deus. Ele próprio estava consciente de sempre ter seguido este critério ao dizer: «Dá-me consolação saber que sempre procurei fazer a vontade de Deus que reconheci na voz dos superiores. Se Deus abençoou muitas obras a que me lancei, até despertar tanta admiração, o meu segredo foi procurar somente a Deus e a sua santa vontade, tal como me foi manifestada pelos superiores. Tal tem sido e é a minha consolação na vida e tal será a minha confiança perante o tribunal de Deus» (Le Lettere: 1.º de Outubro de 1923, p. 471-72).

Quando tinha que fazer decisões importantes, procurava a garantia que vem da palavra do Superior. E dizia: «Nas obras de Deus é preciso proceder da seguinte forma: rezar para conhecer a vontade de Deus, consultar, aconselhar-se e sobretudo obedecer às determinações dos Superiores» (VS 333-334). Comportou-se assim em todas as incumbências: ao assumir o sacerdócio, nas várias funções dentro da Diocese, e na fundação missionária. A reflexão e a opinião pessoal encontravam o sinal da vontade de Deus na palavra do Superior. Por isso agia com decisão e serenidade, sem titubear. Dizia: «É preciso pensar nas coisas, examiná-las e quando se tem a certeza de que é vontade de Deus, mesmo que custe derramamento de sangue, é preciso realizá-las». Foi o que aconteceu com a

fundação do Instituto depois da doença de 1900. Encontrando-se em recuperação na “vila” de Rivoli, despachou no dia 24 de Abril uma carta para o Cardeal Richelmy na qual planeava todo o processo de fundação do Instituto. Colocou-a em cima do altar onde celebrou a Santa Missa, pedindo a Deus que lhe manifestasse a sua vontade. Concluía-a nos seguintes termos: «Refleta sobre o assunto junto de Deus e ao voltar em breve a Turim diga-me o que se deve fazer». O Cardeal disse-lhe que tinha de ser concretizado. E J. Allamano, com as palavras de Pedro a Jesus, respondeu-lhe: «Na tua palavra lançarei as redes». E, segundo o seu modo de fazer, começou logo.

Esta rapidez é consequência da sua adesão à vontade de Deus. A Irmã Chiara Strapazon assim atesta: «a expressão “não sou capaz” não existia para ele – uma vez conhecida a vontade de Deus, e confiando plenamente nele, dizia: «se Deus o quer, tenho a graça de o fazer, portanto sou capaz – tudo posso naquele que me conforta” e lançava as mãos à obra» (o mesmo dizia o P. Nepote).

Uma fé palpável

São muitos os que confirmam a sua convicção sobre a fé de aço de Allamano por a terem constatado no seu comportamento ao falar, ao rezar, ao celebrar a liturgia, sobretudo a eucarística. O amor de Allamano por Deus era tão vivamente grande que transparecia de fora de forma evidente. Falava frequentemente e de boa mente, com fervor, do amor de Deus. Aponto alguns testemunhos:

«Os seus olhos brilhavam, o olhar parecia fixar-se em algo de sobrenatural, mas que lhe era bem conhecido e familiar, sem expressão nada afectada mas que diria celestial; via-se nele como que uma necessidade de comunicar aos outros um pouco da abundância do fogo de caridade que ardia na sua alma» (Ir. Margherita De Maria).

«Enquanto que era sempre calmo e comedido em todas as acções, ao falar de Deus e do amor de Deus, inflamava-se de tal maneira que se transfigurava. Tanto assim que muitos dos seus ouvintes chegavam a temer pela sua saúde»; e quando celebrava a Missa «ficava tão concentrado e fixava com olhar intenso e penetrante as sagradas espécies que pareceu a alguns que estivesse a ver Deus» (A. Borda Bossana).

«Quando falava do mistério eucarístico “os seus olhos iluminavam-se, como se fosse um poeta a proclamar o seu grande amor. A sua Missa era para nós um espectáculo sagrado. Era todo de Cristo» (G. Bartorelli).

Uma fé entregue à missão. Outra manifestação concreta da fé de J. Allamano foi a sua obra em prol da missão. Quem ama verdadeiramente a Deus identifica-se com aquilo que Deus quer acima de tudo – a salvação de todos os seres humanos – e dedica toda a sua vida à sua realização mediante o anúncio do evangelho, de preferência aos que nunca o ouviram ou o esqueceram e descartaram. É o caso actualíssimo do ano da fé e da reevangelização. Foi para isso que Jesus veio ao mundo. «O missionário, ensina J. Allamano, é chamado a cooperar com Deus na salvação das almas que ainda o não conhecem; a consagrar a sua pessoa à grande obra da conversão do mundo. É uma missão divina». Por essa razão ele considera a vocação missionária como a mais perfeita, a mais excelente e a mais privilegiada porque é aquela que mais se identifica com a missão de Jesus Cristo, enviado ao mundo para cumprir a vontade salvífica de Deus.

Por consequência, o missionário tem um compromisso todo especial em imitar Jesus. O Fundador propôs com insistência aos seus missionários: «Vós estais investidos com plenos poderes de salvação de almas, outros tantos Jesus neste mundo», até poder dizer: «Eu sou a imagem de Jesus Cristo» (II, 811, 675).

Não se pode estabelecer e realizar a missão senão com a fé e com o amor. O Fundador repete hoje para nós o que escreveu na famosa carta de 1 de Outubro de 1923 a seu respeito e se aplica também a nós: «o meu segredo foi procurar Deus apenas bem como a sua vontade».

2. A MISSÃO É A MEDIDA DA FÉ

A Missão vem como consequência duma fé que nos faz crer e entender que somos todos filhos do mesmo Pai, e por isso todos irmãos. A missão é um convite à partilha dos dons gratuitamente recebidos com os irmãos mais pequenos que eu. A missão é uma restituição do que me foi dado pelo Pai àquele que é meu próximo, que representa um dom não apenas material mas sobretudo espiritual. A missão exige a capacidade de saber “ler” as necessidades, respondendo com actos e não com palavras: basta um comportamento, um olhar afectuoso, uma saudação, um sorriso sincero. A missão deve ser a transparência de Deus, a sua presença no meio dos homens. A missão é levar Deus aonde ainda não é conhecido ou onde foi esquecido ou recusado. Nesta caminhada é fundamental recordar alguns valores básicos que alimentam a nossa fé. Vou listar alguns, tirados do nosso documento “O missionário da Consolata Santo!”, que foi elaborado no final do biénio sobre a santidade em 2009, e que me parecem importantes e não podem ser jamais abandonados: a Eucaristia, a comunidade e o amor pelos pobres.

A Eucaristia

“Preparai-vos para celebrar bem a Eucaristia mantendo-vos santos mediante o exercício de todas as virtudes e um vivíssimo espírito de fé. Celebrai-a pensando no que estais a dizer e a fazer. Se cada coisa se deve fazer com seriedade, quanto mais a celebração da Santa Missa!” (CVV n. 147, p. 205).

Todos sabem que o evangelista São João, em vez de narrar a instituição da Eucaristia como fazem os Sinópticos, narra o episódio da lavagem dos pés no contexto da última ceia. Isso significa que se não nos levantamos “daquela mesa”, todo o nosso serviço é supérfluo, inútil e não serve para nada. Chegamos assim ao ponto fulcral de toda a revisão da nossa vida espiritual e da nossa caminhada para a santidade. Digamo-lo sinceramente: talvez façamos um grande serviço às pessoas com muita diaconia mas que não parte “daquela” mesa. Só se **partirmos da Eucaristia**, “daquela” mesa, é que a nossa actividade levará a assinatura do autor, o Senhor. Se não partirmos da Eucaristia, a nossa actividade não será mais que um “negócio”, andaremos sempre embebedados por mil e uma coisas, talvez façamos obras de caridade, sim, mas sem a caridade das obras. **As obras de caridade não bastam se faltar a caridade das obras.** Se faltar o amor de onde partem as obras, se faltar a nascente, o ponto de partida, que é a Eucaristia, toda a tarefa pastoral redundará numa girândola de foguetório. “Levantou-se da mesa” significa a necessidade da oração, do abandono a Deus, duma confiança extraordinária, de cultivar a amizade com Deus, de poder tratar Jesus por “tu”, de podermos ser seus amigos íntimos. Se estivermos desligados de Cristo, daremos a impressão de sermos apenas representantes comerciais, que estendem na praça as suas coisas sem grande convicção, apenas para sobreviver. Às vezes falta-nos este vínculo profundo com o Senhor. Algumas vezes agarramo-nos a ele, mas não nos abandonamos a ele. Um abraço de temor é diferente de um abraço de amor. Abandonar-se quer dizer deixarmo-nos embalar por ele, deixarmo-nos levar por ele, dizendo apenas: “Meu Deus, eu vos amo!”.

A vida fraterna em comunidade

“Haverá sempre dificuldades em viver juntos, mas é preciso prestar atenção a que se não desgaste o encanto da caridade” (CVV n. 131, p. 181).

Muitas vezes temos interpretado o episódio da lavagem dos pés como um convite de Jesus à Igreja a que lave os pés dos pobres e dos marginalizados. Assim esquecemos que Jesus disse aos seus apóstolos: “**Deveis lavar os pés uns aos outros**” (Jo 13:14). Nesta expressão de Jesus está encerrado todo o seu desejo, toda a sua preocupação com a comunhão no seio do grupo dos apóstolos, uma comunhão profunda, que devemos voltar a descobrir e viver pondo-nos ao serviço uns dos outros. Está em causa a salvação do mundo. Se nós, mais em contacto com a Eucaristia, não vivermos a comunhão a sério, será vão o nosso testemunho. Seremos hipócritas se proclamarmos a palavra, se partirmos o pão da eucaristia, e depois vivermos por conta própria, maltratando-nos uns aos outros, cultivando pequenas invejas, pequenos rancores, desagregando-nos, vivendo no seio da comunidade a desafeição recíproca e ignorando-nos uns aos outros.

O amor preferencial pelos pobres

“A pobreza também protege o ardor missionário” (CVV n. 106, p. 155).

Somos testemunhas dos resultados destas formas modernas de idolatria e do seu poder: o drama de populações inteiras a lutarem pela sobrevivência, o sofrimento dos fugitivos, a pandemia da SIDA, o desespero dos “invisíveis” das periferias urbanas. **Eles representam o Cristo crucificado dos nossos dias**, Jesus nu, abandonado e impotente sobre a cruz que, no entanto pode curar o nosso olhar e libertá-lo da idolatria perene. Nisto os pobres é que nos evangelizam a nós e nos apontam o caminho para a santidade: a alteridade absoluta de Deus que está solidário com o seu povo e que, com a vida vivida pelo Filho de Deus, o libertou em definitiva. **A cruz** é o êxito da vida vivida pelo Filho de Deus sob o signo do amor. Ela não tem sentido em si mesma e deve ser contextualizada na totalidade da vida de Jesus de Nazaré, retirando o seu significado daquele que nela está pregado. Ainda hoje somos chamados, a exemplo de São Paulo, a anunciar e viver em primeira pessoa a mensagem “escandalosa” da cruz de Jesus. Perante os que procuram o caminho da força, milagres e sinais, perante os que querem atingir Deus com as próprias forças e tornar-se como ele, o missionário é chamado a levantar o estandarte da cruz (1Cor 1:23-25).

CONCLUSÃO

Caríssimos Missionários,

Um antigo adágio cristão apregoa: demos aos outros o fruto da contemplação. Isto explica bem o caminho espiritual do missionário do evangelho. O verdadeiro apóstolo é antes de mais um contemplativo. Aquilo que ele vê faz o seu coração arder e é da abundância do seu coração que os seus lábios e todo o seu ser se lançarão a dar testemunho. Não percamos o Cristo de vista; procuremos segui-lo até ao lugar último e supremo do seu amor. Vivamos em oração esta festa do Fundador e invoquemos para todos nós a ajuda materna de Maria. Ela bem conhece o valor da consagração. E também os muitos perigos da vida, tendo presentes as fraquezas e os desvios dos seus filhos. Por esta razão lhe pedimos que nos acompanhe com o seu silêncio de Mãe e a sua poderosa intercessão de amor. Portanto, coragem! Avancemos com alegria e esperança!

Coragem e...para a frente in Domino!

Padre Stefano Camerlengo
Padre Geral

Roma, 16.02.2013, Festa do Fundador